

ESCUA AO SOFRIMENTO SUBJETIVO DE ESCOLARES ADOLESCENTES

Dayara Almeida Sicupira¹
Maria Clara de Araújo Souto Badú²
Jailma Belarmino Souto³
Maria Lígia de Aquino Gouveia⁴

RESUMO

A puberdade é um período marcado pelas mudanças biológicas do corpo infantil em transição para o corpo adulto. Dependendo do contexto cultural e seus ritos de passagem, essa fase constrói-se socialmente como adolescência. O púbere experimenta transformações fisiológicas, psicológicas e sociais, enfrentando ainda as demandas dos discursos que o atravessam, rotulam e esperam respostas. Dentre os vários ambientes de vivência do púbere, a escola se destaca como o de maior frequência, ambiente palco de conflitos, que põe em evidência o sofrimento psíquico particular. Em resposta à demanda de uma Escola Pública, de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Campina Grande PB, ofertou-se espaço de acolhimento psicológico, através de plantões de escuta, para escolares na faixa etária compreendida como adolescência. A atuação desenvolveu-se orientada pela psicanálise Freud/lacanianana. A psicanálise entende que o sujeito, independente da faixa etária, responde por seu sofrimento singular no encontro subjetivo e dialético com sua pertença parental e cultural. Nesse contexto, o lugar de fala é apontado como possibilidade para o sujeito lidar com suas queixas e trabalhar no desvelamento da própria verdade; o objetivo é construir, progressivamente, a ressignificação de suas dores, promovendo trocas subjetivas menos devastadoras, que favoreçam o laço social. Os resultados dessa experiência foram consequentes. Apesar da timidez inicial, houve significativa busca voluntária para a escuta. O espaço de acolhimento psicológico assegurou um lugar de fala aos adolescentes, que expressaram suas queixas e angústias e identificaram suas redes de apoio. Essas ações de cuidado permitiram acesso ao trabalho com a saúde mental no ambiente escolar e a democratização do acesso aos serviços psicológicos. Possibilitou a modificação das demandas iniciais, com a construção do desvelamento da verdade psíquica particular, que possibilita a implicação com as próprias queixas, reconhecendo-se responsável pelo modo de agir com a própria existência.

Palavras-chave: Escuta psicológica; Adolescência na Escola; Sofrimento Psíquico.

¹ Graduanda (autora) do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, dayara.sicupira@aluno.uepb.edu.br;

² Graduanda (coautora) do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.clara.badu@aluno.uepb.edu.br;

³ Professora orientadora: coautora; Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jailma.psy@servidor.uepb.edu.br;

⁴ Professora coorientadora: coautora; Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br.



INTRODUÇÃO

O conceito de infância e puberdade passou por diversas transformações ao longo dos séculos, sendo moldado a partir das características sociais, econômicas e culturais de cada época. Ariès (1996) afirma que a antiguidade desconhecia o conceito de infância, de modo que as crianças eram consideradas adultos incompletos e imperfeitos. Assim, eram inseridos em trabalhos de servidão, situados fora de um ideal de cuidado demarcado por laços afetivos e privados de orientação em um local de aprendizagem específico - devido à inexistência da instituição escola. Segundo Sarmiento e Vasconcelos (2007), apenas no início do século XVIII é possível observarmos mudanças notáveis nas concepções sociais acerca do público infantojuvenil, que, agora inserido na instituída visão sociológica da infância e adolescência, passam a assumir um caráter único e específico enquanto fase do desenvolvimento, sendo apenas no século XIX que o público infanto-juvenil aparece como objeto específico de cuidados e práticas sociais no Brasil (Sanine; Castanheira, 2016).

Na perspectiva psicanalítica, desde a descoberta de Sigmund Freud do domínio do inconsciente sobre o "Eu", que a maneira de se pensar a constituição humana sofreu grandes transformações. Ao colocar o humano no campo de sujeito do desejo, portanto assujeitado, mas simultaneamente agente do próprio destino, entende-se que este saber inconsciente afeta o sujeito em qualquer fase de seu desenvolvimento, principalmente em seus primeiros anos de vida (Freud, 1908/1996). Assim, para a psicanálise, a adolescência não é vista apenas como uma etapa natural do desenvolvimento, mas como uma construção social que surge para nomear o período em que o sujeito enfrenta as transformações ligadas à puberdade. Miller (2015) aponta que essa definição está longe de ser consensual, pois pode ser analisada de diversos modos - seja a partir de critérios cronológicos, biológicos, psicológicos, comportamentais, sociológicos ou até artísticos -, os quais não se sobrepõem completamente. Sob o olhar da psicanálise, o momento adolescente se caracteriza essencialmente por três movimentos: o afastamento da infância, a descoberta da diferença sexual e a entrada da dimensão adulta no universo infantil (Miller, 2015).

As transformações ocorridas na puberdade convocam o sujeito a responder ao paradoxo transitório, fechamento do universo infantil e abertura às descobertas da vida adulta. Esse processo envolve a perda da identidade infantil e pode gerar luto pelo corpo antigo, além de causar estranhamento diante das mudanças biológicas e emocionais do



novo corpo, que, para além do autoerotismo, busca gratificação na relação com o outro. A evidência da diferença entre os sexos requer a identificação e o posicionamento frente ao falo, bem como a escolha de objeto visando gratificações libidinais.

A passagem do corpo infantil para o adulto demanda posicionamento diante do reconhecimento e da ressignificação da identidade, conduzindo o adolescente à afirmação de suas escolhas individuais ao longo de seu desenvolvimento enquanto sujeito. Além disso, é necessário lidar com as mediações simbólicas advindas das exigências culturais (Ayub; Macedo, 2011). Assim sendo, a adolescência se configura como um período de multiplicidade de questionamentos e conflitos internos e, consequentemente, um mal-estar nos laços sociais (Poli & Becker, 2010).

Na leitura de Philippe Lacadée (2003), inspirada na teoria de Jacques Lacan, a adolescência constitui-se como um tempo de urgência subjetiva, um momento em que o sujeito é convocado a se reposicionar frente ao desejo, ao corpo e ao Outro. O advento da puberdade introduz o real do corpo e a irrupção de um gozo novo, que desestabiliza as identificações infantis e confronta o sujeito com a ausência de significantes que possam nomear essa experiência inédita. A adolescência, assim, não é apenas uma fase de transição biológica ou social, mas um ponto de ruptura simbólica que exige do sujeito a invenção de novas formas de se situar no discurso. Essa urgência, portanto, não remete à pressa, mas ao comparecimento do real sem mediação, ao que escapa ao simbólico e que exige elaboração por meio da palavra e do laço com o Outro.

Lacadée destaca que a escuta psicanalítica é fundamental para acolher o sujeito diante dessa urgência, sem ceder à tentação de patologizar o sofrimento ou de oferecer respostas imediatas. O adolescente, ao perder os referenciais simbólicos da infância e deparar-se com o enigma do desejo e do sexo, experimenta uma sensação de exílio e desamparo, na qual o corpo e a palavra se tornam lugares de inscrição do mal-estar. Nesse contexto, o papel do analista é o de sustentar um espaço onde o sujeito possa transformar o ato em palavra, encontrando, na transferência, a possibilidade de construir novos significantes para nomear o indizível. A urgência subjetiva, longe de ser vista como emergência clínica, representa, para Lacadée, a oportunidade de o sujeito inventar um novo modo de habitar o desejo e reinscrever-se simbolicamente no laço social.

É em consequência do estabelecimento do mal-estar que o púbere é convocado a construir novos significantes que decorrem do encontro dialético com os discursos, sejam estes parentais, sociais ou culturais, presentes na relação com o grande Outro (Maia *et al*, 2012). Dentre os fatores que auxiliam nessa construção singular do sujeito e o guiam



durante o período de vulnerabilidades e modificações característicos da adolescência, destaca-se o processo da educação escolar. Ao refletirmos sobre importância da educação para a constituição da subjetivação humana - visto que esse processo ocorre por meio da transmissão singular do desejo do educador, mediada pelo campo da linguagem (Coutinho; Carneiro, 2016) - é possível demarcar o papel da instituição escolar como uma etapa essencial para a solidificação dos interesses do ego na etapa final da infância (Blos, 1998).

A instituição escolar configura-se, então, como um palco privilegiado da cena adolescente, não apenas pela frequência com que os jovens estão inseridos nesse ambiente, mas também por concentrar grande parte dos conflitos, fracassos e êxitos característicos dessa etapa da vida. Trata-se de um espaço em que se cruzam múltiplas demandas sociais, acadêmicas, amorosas e subjetivas, as quais evidenciam, muitas vezes, o mal-estar do adolescente diante dos impasses da travessia à vida adulta, tornando-o mais suscetível ao sofrimento psíquico (Olimpio; Marcos, 2015). Nesse sentido, a escola reflete e potencializa tensões próprias do desenvolvimento juvenil, consolidando-se como um cenário privilegiado para observar as diversas manifestações do crescimento emocional e social (Viola; Vorcaro, 2015).

Na cena contemporânea, observa-se o declínio da função paterna (o Nome do Pai) e das figuras de autoridade simbólica, o que repercute diretamente nas relações entre os alunos e professores e na dinâmica institucional. Como apontam Olimpio e Marcos (2015), a escola passou a operar sob o efeito do enfraquecimento do simbólico, em que a palavra perde valor e o ato - seja por meio da violência ou do desinteresse - assume o lugar da mediação. Paralelamente, Coutinho et al. (2020) evidenciam que esse cenário produz experiências de desamparo psíquico e social expressas em sentimentos de sofrimento, isolamento e esvaziamento dos laços. Há o enfraquecimento das autoridades de referência, dentre as quais se destaca a função do professor.

O esvaziamento resultante do estado de mal-estar pode ser considerado como sintoma, pois retrata a verdade psíquica presente na construção singular do sujeito (Forbes, 2012). Desse modo, para a construção de novas significações é necessário oferecer espaço de fala para o púbere, visando possibilitar que ele discorra sobre suas dores, conflitos e incertezas. A partir da possibilidade de um local que propicie a elaboração subjetiva, se tornam realizáveis trocas fomentadoras do restabelecimento do laço social.



Nesse sentido, em atendimento à solicitação de uma escola pública de ensino fundamental e médio na cidade de Campina Grande (PB), foi disponibilizado espaço de acolhimento psicológico por meio de plantões de escuta para estudantes adolescentes. O objetivo foi recuperar o lugar de fala, enquanto mediador simbólico, na elaboração de soluções para as questões apresentadas.

METODOLOGIA

A atuação desenvolveu-se orientada pela psicanálise Freud/lacanianana. A psicanálise entende que o sujeito, independentemente da faixa etária, responde por seu sofrimento singular no encontro subjetivo e dialético com sua pertença parental e cultural. Nesse sentido, o lugar de fala é apontado como uma possibilidade para o sujeito lidar com suas queixas e trabalhar no desvelamento da própria verdade. O objetivo é construir progressivamente a ressignificação de suas dores fazendo trocas subjetivas menos devastadoras, que favoreçam o laço social.

Para isso, foi oferecido, semanalmente, em local apropriado, um espaço de escuta individual aos estudantes de uma escola pública do município de Campina Grande-PB, que procuraram o serviço de forma voluntária, apresentando suas demandas singulares. As sessões, com duração aproximada de uma hora, foram conduzidas segundo a orientação da ética psicanalítica lacanianana, sustentando o lugar do analista como aquele que escuta sem dirigir nem interpretar de modo antecipado, permitindo que o sujeito se implique em sua própria fala. A escuta teve como finalidade favorecer o reconhecimento das repetições discursivas, das formações sintomáticas e das redes de apoio significativas, abrindo caminho para que o sujeito pudesse construir novas possibilidades de lidar com o sofrimento. Todo o processo foi acompanhado por supervisão clínica, pelas professoras coordenadoras do projeto e embasado em estudo teórico contínuo, assegurando a coerência entre a prática e os fundamentos da teoria psicanalítica.

A condução das escutas, inspirada na leitura lacanianana de Freud, privilegiou a dimensão do sujeito do inconsciente, sustentando um espaço de palavra, onde pudesse emergir algo de sua verdade. Nessa direção, a escuta não se limita a uma técnica de aconselhamento, mas constitui-se como um ato ético que possibilita ao sujeito a passagem do lugar de objeto de seu sintoma ao de responsável por seu dizer. Ao favorecer a implicação subjetiva, a prática da escuta promove a construção simbólica de novos



sentidos e reinscreve o sujeito em seu laço com o Outro, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos sociais e para o manejo das urgências subjetivas que atravessam o período da adolescência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa experiência foram consequentes. Apesar da timidez inicial, houve significativa busca voluntária para a escuta. O espaço de acolhimento psicológico assegurou um lugar de fala aos adolescentes. Esses expressaram suas queixas e angústias e identificaram suas redes de apoio. Essas ações de cuidado permitiram acesso ao trabalho com a saúde mental no ambiente escolar e a democratização do acesso aos serviços psicológicos. Possibilitou a modificação das demandas iniciais, com a construção do desvelamento da verdade psíquica particular que permite a implicação com as próprias queixas, sabendo-se responsável pelo modo de agir com a própria existência.

Ayub (2011) aponta a importância de posicionar a escuta como um veículo de atribuição de sentido às dores unicamente vivenciadas por cada sujeito, visto que os motivos de padecimento psicológico são múltiplos e se referem à constituição e à verdade psíquica de cada um. É relevante considerar o contexto sociocultural de cada período ao analisar as produções subjetivas, pois o infans passa a existir, inicialmente, por meio do olhar do Outro. Na contemporaneidade, observa-se uma sociedade profundamente atravessada pelos efeitos dos avanços tecnológicos e pela presença massiva da mídia na constituição dos modos de vida. Essas transformações incidem diretamente sobre o campo do desejo e das relações intersubjetivas, produzindo novos modos de gozo e de alienação. Conforme apontam Nunes e Castro (2022), tais fenômenos intensificam sentimentos de angústia e desamparo, frequentemente mascarados por meio do recurso a objetos-tampão: formas de satisfação imediata que visam preencher a falta estrutural do sujeito. No entanto, esses objetos revelam-se incapazes de sustentar uma completude ilusória, pois a falta é condição constitutiva da subjetividade e fundamento da experiência humana.

Partindo dessas considerações, observou-se a partir do manejo transferencial sustentado pela escuta psicanalítica a recorrência de determinadas demandas que expressam o mal-estar característico da transição da infância para a adolescência. Entre elas, destacaram-se as inquietações relacionadas às transformações corporais e psíquicas próprias desse período, bem como os impasses subjetivos diante dos primeiros laços



amorosos, dos conflitos familiares e das oscilações entre o desejo de pertencimento e o movimento de isolamento em relação aos pares. Além dessas manifestações, foram frequentes os relatos de crises de ansiedade e comportamentos autolesivos, os quais se apresentam, na perspectiva lacaniana, como tentativas de lidar com o excesso de gozo e com a dificuldade de simbolização que marcam as urgências subjetivas da adolescência.

Também emergiram, nas falas dos adolescentes, manifestações de sofrimento psíquico que se expressavam por meio de cortes no corpo e de queixas relacionadas ao cotidiano escolar, como dificuldades de aprendizagem, desinteresse pelos conteúdos ensinados e conflitos nas relações com colegas e professores. Tais manifestações podem ser compreendidas, à luz da psicanálise lacaniana, como modos singulares de lidar com o mal-estar subjetivo que se intensifica na adolescência — período em que o sujeito é confrontado com o real do corpo, com o enigma do desejo e com as exigências simbólicas e sociais que o interpelam. O corpo, nesse contexto, aparece como um lugar de inscrição do que não pode ser dito, funcionando como uma tentativa de dar forma, ainda que precária, ao excesso de gozo que escapa à simbolização.

Na perspectiva lacaniana, as manifestações como os cortes no corpo e outras formas de acting out podem ser compreendidas como tentativas do sujeito de tratar o gozo que o invade e que não encontra inscrição simbólica. O gozo, entendido como um prazer paradoxal que ultrapassa o princípio do prazer e se inscreve no corpo, revela o ponto em que o sujeito é afetado pelo real; aquilo que escapa à simbolização (Lacan, 2008). Nessas situações, o sintoma surge como uma formação de compromisso, uma maneira singular de o sujeito organizar algo de seu mal-estar e de se posicionar diante do desejo e da falta. A escuta psicanalítica, ao acolher o dizer sem antecipar sentidos, permite que o sofrimento que antes se expressava no corpo encontre a via da palavra. Nesse deslocamento, o sujeito pode transformar o ato em discurso, elaborando o que antes se apresentava como excesso, e construindo, a partir daí, novas possibilidades de laço simbólico com o Outro e com sua própria história.

A partir do dispositivo da escuta, esses sintomas encontraram possibilidade de significação, permitindo que os adolescentes pudessem apropriar-se de suas queixas e reconhecer-se como corresponsáveis pelos modos de agir e de se posicionar diante da própria existência, pois é a partir da implicação com as próprias demandas que se inicia o desenvolvimento da autonomia e do autoconhecimento, ou seja, “a responsabilização subjetiva só poderá ocorrer se for possível reconhecer o adolescente como um sujeito de direitos capaz de produzir efeitos de sujeito” (Strzykalski et al., 2012, p.119).



Assim, observou-se uma transformação das demandas iniciais, com o surgimento de um movimento de implicação subjetiva que revela o efeito clínico do trabalho realizado: a abertura para o desvelamento da verdade psíquica particular, que possibilita ao sujeito um novo modo de se relacionar consigo e com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida evidencia a relevância e a potência da escuta psicanalítica no contexto escolar, sobretudo quando se trata da adolescência enquanto tempo lógico de travessia e reorganização subjetiva. A partir da oferta de um espaço de acolhimento sustentado pela ética da psicanálise, foi possível constatar que o gesto de oferecer um lugar de fala opera efeitos transformadores na relação do sujeito com seu sofrimento e com o laço social. O plantão de escuta configurou-se como um espaço de reinscrição simbólica, no qual o adolescente pôde deslocar-se da posição de objeto do mal-estar para o lugar de sujeito de desejo, reconhecendo-se responsável por sua implicação nas próprias queixas e abrindo a possibilidade de construção de novos sentidos para suas experiências.

A prática clínica no ambiente escolar demonstrou que, mesmo em meio às múltiplas demandas institucionais e sociais que atravessam a vida estudantil, é possível instaurar um espaço de fala que funcione como mediador entre o sujeito e o Outro. Esse espaço, ao privilegiar a singularidade da fala e sustentar o vazio necessário à emergência do inconsciente, permitiu que o adolescente elaborasse suas angústias e se reposicionasse diante das exigências simbólicas, imaginárias e reais que o constituem. Assim, reafirma-se que a adolescência, mais do que uma fase de crise, constitui uma operação subjetiva na qual o sujeito é convocado a se reinventar frente à queda dos ideais parentais e à emergência de um novo modo de desejar.

A escuta, orientada pelo manejo transferencial, revelou-se um instrumento ético e clínico fundamental na condução desses encontros. Ao suspender o julgamento e abrir espaço para o não-saber, o analista sustenta a possibilidade de o sujeito produzir sua própria verdade, que não é pré-existente, mas se constrói no dizer. Esse movimento de fala possibilita a passagem do sofrimento inominável à palavra, transformando a queixa em discurso e instaurando o sujeito em sua posição desejante. Assim, o trabalho de escuta se configura como um ato de resistência ao apagamento subjetivo promovido pelos



discursos da adaptação e da performance, tão presentes no contexto escolar contemporâneo.

Além disso, a experiência reforça a função da psicanálise na educação enquanto dispositivo de escuta e de laço social. O ambiente escolar, ao acolher a palavra do sujeito em sua dimensão simbólica, torna-se um espaço de produção de subjetividade, e não apenas de transmissão de saber. Nesse sentido, o trabalho com adolescentes não se limita à resolução de sintomas, mas visa sustentar o processo de subjetivação e de responsabilização pelo próprio desejo. O que se produz, portanto, é um espaço ético de encontro com o inconsciente, no qual o adolescente pode descobrir novas formas de estar no mundo, reconhecendo-se como autor, e não apenas espectador de sua história. Desse modo, reafirma-se a concepção psicanalítica de que a adolescência não é apenas uma fase de crise, mas uma operação subjetiva que convoca o sujeito a um novo modo de lidar com o desejo e com a alteridade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **Da família Medieval à Família Moderna**. In: ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

AYUB, R. C. P., & MACEDO, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 31(3), 582-601. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300011>.

BLOS, Peter. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
COUTINHO, L. G.; CARNEIRO, C. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 109–129, 2016.

COUTINHO, L. G.; MACEDO, M. M. D. R.; LIMA, F. M. S.; MARUM, J. F. P. Desamparo e laços sociais na escola: uma oficina com adolescentes da rede pública. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 43, p. 117–136, jul./dez. 2020.

DAVIM, R. M. B. et al. **Adolescente/adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida**. Rev. Rene, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun. 2009.

FORBES, Jorge. O princípio responsabilidade e o inconsciente. In: —. **Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI**. Barueri, SP: Manole, 2012. p. 1–25.

FREUD, Sigmund. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1996. Vol. IX

LACAN, J. (1972-1973). O seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACADÉE, P. (2003). O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições – a adolescência. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.



MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira de; FONTES, Flávio. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. **Estilos clínicos**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012.

MILLER, Jacques-Alain. **Em direção à adolescência**. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança, por Nathalie Tufenkjian. 2015.

NUNES, Larissa de Fátima; CASTRO, Marcelo Matta. **A automutilação na adolescência na visão da psicanálise**. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, v. 8, n. 2, p. 246–259, dez. 2022. DOI: 10.22289/2446-922X.V8N2A15.

OLIMPIO, E.; MARCOS, C. M. A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 498-512, set. 2015

POLI, M. C. & BECKER, A. L. (2004). Adolescência: uma abordagem na psicanálise lacaniana. In M. Macedo. **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis** (pp.133-146). Porto Alegre: EDIPUCRS.

SARMENTO, MJ. **Visibilidade social e estudo da infância**. In: VASCONCELOS, V.M.R.; Araraquara: J&M Martins, 2007. SARMENTO, MJ. (Org). *Infância (in)visível*. Araraquara: J&M Martins, 2007.

STRZYKALSKI, Stéphanie et al . **Contribuições psicanalíticas ao tema da responsabilização de adolescentes nas políticas socioeducativas**. *Rev. Polis Psique*, Porto Alegre , v. 12, n. 2, p. 108-129, 2022 .

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, A. M. R. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, v. 26, n. 1, p. 62-70, jan. 2015

